

---

**Racismo, feminilidades e trabalho: geografias prostitutas em Cuba e Brasil****Racism, femininities and work: prostitute geographies in Cuba and Brazil****Racismo, feminidades y trabajo: geografías prostitutas en Cuba y Brasil**Victor Dantas Siqueira Pequeno <sup>1</sup> <https://orcid.org/0000-0003-3258-8171>

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil, [victorpequenogeo@gmail.com](mailto:victorpequenogeo@gmail.com)

---

Recebido em: 30/05/2023

Aceito para publicação em: 30/09/2023

---

**Resumo**

O presente artigo contempla as discussões da Geografia de Gênero e das Sexualidades. O objetivo consistiu em analisar como as categorias raça, gênero e trabalho são praticados e/ou experienciadas pelas mulheres prostitutas em dois contextos latino-americanos, quais sejam, Cuba e Brasil. Articulando a este, foi elaborado um estudo bibliográfico sobre os últimos estudos geográficos que versaram sobre o fenômeno da prostituição. Observa-se que as geografias prostitutas latino-americanas colocam em evidência a herança colonial que insiste em atualizar as técnicas e/ou discursos que aprisionam o saber e o ser daquelas/es que perturbam e/ou desestabilizam as bases do CIS-tema mundo racista, heterossexista e misógino.

**Palavras-chave:** Gênero; Racismo; Corpo-espaço; Latinoamérica.

---

**Abstract**

The present text contemplates the discussions of Geography of Gender and Sexualities. The objective was to analyze how race, gender and work categories are practiced and/or experienced by women prostitutes in two Latin American contexts, specifically, Cuba and Brazil. Articulated to this, a bibliographical study was elaborated on the latest geographic studies that treated the phenomenon of prostitution. It is observed that Latin American prostitute geographies highlight the colonial heritage that insists on updating the techniques and/or discourses that imprison the knowledge and being of those who disturb and/or destabilize the foundations of the CIS-theme racist, heterosexist world and misogynist.

**Keywords:** Gender; Racism; Body-Space; Latin America.

### Resumen

El presente texto contempla las discusiones de Geografía de Género y Sexualidades. El objetivo fue analizar cómo las categorías de raza, género y trabajo son practicadas y/o experimentadas por mujeres prostitutas en dos contextos latinoamericanos, a saber, Cuba y Brasil. Ligado a esto, se elaboró un estudio bibliográfico sobre los últimos estudios geográficos que abordaron el fenómeno de la prostitución. Se observa que las geografías prostitutas latinoamericanas destacan la herencia colonial que insisten en actualizar las técnicas y/o discursos que aprisionan el saber y el ser de la gente que perturban y/o desestabilizan las bases del CIS-tema mundo racista, heterosexista y misógino.

**Palabras clave:** Género; Racismo; Cuerpo-Espacio; Latinoamerica.

---

### Introdução

O racismo no Brasil consiste em um fenômeno herdado do colonialismo europeu praticado no século XVI e que persiste até os dias atuais. A cosmovisão europeia de mundo executou violências das mais diversas para com a colonização do saber e do ser em espaços e/ou territórios ocupados por povos originários (indígenas e africanos), quais tiveram suas culturais e tradições inferiorizadas e qualificadas sob estigmas: o “outro”.

O racismo é (re)produzido e/ou manifestado de distintas formas (discurso verbal e não verbal, violência físicas, psicológicas e/ou simbólicas, etc), por distintos agentes (Estado, grupos sociais, família, mídia, polícia, capitalistas, etc), em distintos espaços (país, estado, cidade, bairro, casa, rua, escola, universidade, etc). Outrossim, consiste também em um fenômeno interseccional, haja vista que ao articular raça-gênero, raça-sexualidade, raça-classe, entre outras categorias e/ou marcadores discursivo-corporais, o fenômeno racista implicará em efeitos ainda mais complexos.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que

estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Nesse sentido, o presente artigo pretende encaminhar um estudo com de caráter exploratório e bibliográfico com o intento de responder a seguinte questão: De que forma raça, gênero e trabalho constituem as práticas e corporeidades das mulheres prostitutas no contexto cubano e no contexto brasileiro?

Na tentativa de apresentar uma possível resposta, me apoio em textos de autoras e autores da Geografia brasileira, especificamente, aquelas/es engajados na produção do conhecimento *queer-geográfico*, e nos textos produzidos por pesquisadoras/es sobre tal fenômeno em Cuba, com os quais eu tive contato durante o período (setembro à novembro de 2022) de Mobilidade Internacional na Facultad de Geografia da Universidad de La Habana. Por fim, após mergulhar-me em tais leituras, proponho algumas aproximações e distanciamentos entre os dois países referentes ao fenômeno evidenciado.

### **Teorias queer, subversões na ciência e efeitos na Geografia**

Quais corpos gozam da cidadania e da humanidade? Quais corpos são valorizados e/ou desejados na sociedade? Qual sexualidade dispõe de reconhecimento e/ou representação sociopolítica?. Tais interrogações descortinam o fato de que há no mundo um sistema que hierarquiza as subjetividades entre dignas e abjetas. Sobre estas últimas:

Quando falamos em abjeção nos reportamos àquelas pessoas que não são reconhecidas enquanto sujeitos de direitos, ou seja, por não terem esse reconhecimento se inserem nas categorias do não humano, das monstruosidades, gerando uma ambiência de hostilidades e exclusões que promovem como espaços de existências as marginalidades. A abjeção se mostra como uma via de mão dupla considerando que ao mesmo tempo em que nega a humanidade a essas pessoas se coloca como referência que atesta a normalidade como padrão absoluto do exercício de ser, estar e circular no mundo (ANDRÊO, PERES, TOKUDA, SOUZA, 2016, p. 61).

As subjetividades abjetas são interpretadas e/ou significadas a partir de alguns marcadores sociais como raça, gênero, sexualidade, classe, nacionalidade, etc., e resultam em fenômenos como a misoginia, racismo, lgbtfobia, classismo, xenofobia e outros. Por conseguinte, um corpo abjeto é um corpo concebido a partir da diferença como relação social.

O conceito de “diferença como relação social” se refere à maneira como a diferença é constituída e organizada em relações *sistemáticas* através de discursos econômicos, culturais e políticos e práticas institucionais [...] Em outras palavras, o conceito de “diferença como relação social” sublinha a articulação historicamente variável de micro e macro regimes de poder, dentro dos quais modos de diferenciação tais como gênero, classe ou racismo são instituídos em termos de formações *estruturadas* (BRAH, 2006, p. 362-363 [grifo da autora]).

Quanto à constituição das identidades, a diferença atua de forma decisiva, revelando processos contínuos e/ou descontínuos como bem afirmou Nunes (2014):

[...] A diferença faz do processo identitário, já que a identidade é um processo composto por continuidades e descontinuidades, no qual a diferença tem participação. Assim, é emergencial nos despirmos da concepção de corpo como lócus de identidades essencializadas, e que sustentam posturas e ações hierarquizantes, ultrajantes e discriminatórias (NUNES, 2014, p. 230).

As subjetividades abjetas têm sido debatidas na contemporaneidade em diversos âmbitos. No âmbito científico, por exemplo, a partir dos anos 1980 houve uma mobilização e/ou engajamento por parte de pesquisadoras/as de distintas áreas para com tais demandas, o que resultou na (re)criação de epistemologias e/ou teorias como foi o caso das teorias *queer*.

A teoria *queer* surgiu como argumento político e contestatório ao movimento assimilacionista de gays e lésbicas norte-americano, mas, sobretudo de gays, aos impactos sociais da AIDS. O que começou como uma discussão interna no movimento, foi sendo sistematizado

em linhas argumentativas que geraram um importante cabedal conceitual e teórico que desestabilizou a ideia de estudos de “minorias” e da sexualidade como um aspecto tangencial das dinâmicas sociais (PELÚCIO, 2014, p. 27-28).

O que verificou-se, portanto, foi a convergência entre um movimento social e um movimento científico como estratégia política frente às opressões e violências praticadas por aqueles/as que ocupavam o centro e que estavam interessados/os no extermínio daqueles corpos que ocupavam a margem do sistema-mundo.

Tornavam-se, portanto, *queer*, abjetos, pessoas com relação às quais muitos não escondiam sentir nojo e até mesmo esperarem que fossem eliminados. Compreende-se, assim, como o uso do termo *queer* para denominar uma linha de pensamento e pesquisa foi um ato político de ressignificação da injúria. Autodenominar-se *queer* era fazer de um termo negativo e que deveria causar vergonha uma forma de combate às forças normalizadoras cujo intuito de exclusão e até mesmo eliminação de dissidentes sexuais e de gênero era patente (MISKOLCI, 2014, p. 9-10).

Ao focar as questões relacionadas a gênero e sexualidades, conceitos foram desenvolvidos no interior das teorias *queer*, tais como, abjeção, heteronormatividade, performatividade, desenvolvidos pela filósofa norte-americana Judith Butler. Sobre o último, a autora elaborou-o na tentativa de sugerir uma outra interpretação da categoria gênero:

[...] o gênero mostra ser *performativo* no interior do discurso herdado da metafísica da substância - isto é, constituinte da identidade que supostamente é. Nesse sentido, gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra [...] não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias “expressões” tida como seus resultados (BUTLER, 2003, p. 48 [grifo da autora]).

As teorias *queer* se debruçaram também sobre a categoria raça, sendo esta considerada uma produção discursiva, performática, fluída, situada histórica e socialmente.

Refletir sobre as articulações entre teorias queer e raça é contestar, desta forma, os discursos sobre raça que visam a desqualificar e inferiorizar negras/os como pessoas; apagar as pessoas indígenas e suas etnias, além de contestar os discursos hegemônicos e privilegiados da branquitude e analisá-la como invenção performativa naturalizada, sedimentada, estruturada pela história, pelo social e na/pela linguagem (VALIM DE MELO, 2020, p. 423).

Categorias que fazem parte do repertório geográfico, tais como espaço, território e lugar, também passaram a constituir o referencial epistemológico *queer*. Isso se deve ao fato de que as teorias *queer* demandaram alianças teórico-metodológicas com outras ciências, sendo a Geografia uma delas.

Destarte, foi no interior da Nova Geografia Cultural, nos anos 1980, que as teorias queer e as epistemologias feministas foram apropriadas por geógrafas e geógrafos aspirantes de um devir científico radical e contra-hegemônico (ORNAT, 2008; SPITALERE, 2014). Nesta empreitada, foi demandado o reconhecimento de grupos subalternizados (mulheres, homossexuais, indígenas, negras/os) pelo cânone geográfico, considerados como a-espaciais, a-culturais, a-históricos.

A geografia científica produzida por nós geógrafas (os) é um campo de saber engendrado por relações de poder. Apenas quando assumimos a postura de que o discurso científico é uma construção social e desenvolvemos uma atitude crítica sobre os modos de se “fazer a geografia”, duvidando da consagração de “verdades” estabelecidas pela versão hegemônica difundida na historiografia do pensamento geográfico, é que compreendemos as razões de ausências de determinados sujeitos como agentes produtores do discurso científico geográfico (SILVA, 2009, p. 25 [grifos da autora]).

A Geografia *queer* inaugurou novos horizontes analíticos, uma vez que as geógrafas e geógrafos engajadas/os em fomentar tais estudos elegeram o gênero, as sexualidades, o corpo, a performance como categorias analíticas imprescindíveis para compreensão dos fenômenos e/ou processos que se manifestam no espaço geográfico.

Dentre os estudos geográficos que elegeram gênero, sexualidades, racialidades, corporeidades e performances como significantes das espacialidades e/ou (micro) territorialidades, destacam-se Silva (2003; 2007; 2010), Costa (2010a; 2010b; 2012; 2020a; 2020b), Souza e Ratts (2008), Ornat (2010), Martinez (2018), Alves, Pedroso e Guimarães (2019), Rui (2020), Simon (2021) entre outras/os.

Isso posto, retomamos a questão central da nossa reflexão: De que forma raça, gênero e sexualidade constituem as práticas e corporeidades femininas no contexto cubano e no contexto brasileiro?

Uma vez que tais marcadores são considerados como produções discursivas, situadas na história e na cultura de uma sociedade. Elejo alguns estudos que tratam dessas categorias no contexto cubano e brasileiro, quais serão discutidos a seguir.

### **Jineterismo em Cuba: o que este fenômeno tem a nos dizer?**

Com o triunfo da Revolução no ano de 1959 em Cuba, foi instaurado um modo de sistema político orientado pela ideologia socialista. Por conseguinte, o Governo se encarregou de colocar em prática ações e/ou medidas com o objetivo de limpar a sociedade cubana de todos os valores morais e materiais capitalistas vigentes até então com a ocupação dos Estados Unidos América nas primeiras décadas do século XX.

Dentre as medidas adotadas pelo Governo, destacam-se: estatização de empresas e residências privadas pertencentes às classes burguesas, a estatização do sistema de saúde e educação, restrições com o turismo internacional. Sobre este último:

En la isla, debido a la identificación que se realiza desde el gobierno revolucionario entre turismo y corrupción, una de las primeras medidas que se tomaron, tras la huida de Batista y la subida al poder de los “barbudos”, el 1 de enero de 1959, fue el cierre de los hoteles y casinos del país. [...] Al mismo tiempo, el hedonismo implícito en el turismo se contraponía con el ideal del “hombre nuevo”: estoico, sacrificado, que prioriza el bien común frente al interés individual y al consumo [...] (CAMPOS, 2010, p. 315).

No que tange propagação de novos valores morais, o Governo Revolucionário em meados da década de 1960 declarou como extinto racismo e a prostituição em Cuba, por serem considerados fenômenos colonialistas e/ou capitalistas. A respeito do primeiro, Campos (2010), destacou que:

Así, el racismo no sólo era anticomunista o contrarrevolucionario, resultaba además antinacional y una peligrosa señal de “atraso” ideológico. Dada la enorme influencia que el Estado y sus organizaciones de masas ejercieron en diversas áreas de la vida nacional, la mayoría de la ciudadanía se sintió obligada a acatar este ideal y a adaptarse al nuevo ambiente. Las autoridades revolucionarias, por su parte, aceptaron el ideal como un hecho consumado. Esto, sin embargo, no significa que la raza desapareció de la vida cubana, sino que los debates sobre el racismo en la sociedad socialista cubana se movieron a la esfera privada, donde las nociones de raza continuaron afectando las relaciones sociales en diversas formas (CAMPOS, 2010, p. 320-321).

Referente a prostituição, o Governo Revolucionário associava tal fenômeno unicamente aos corpos femininos. Com efeito, as mulheres prostitutas eram consideradas no imaginário social como pessoas desprovidas de valores morais e que colocavam em risco o projeto da nação para com a criação do “novo homem”. Assim, com o triunfo da Revolução, as prostitutas foram encaminhadas para centros de reabilitação, em quais, segundo Campos (2010) fundamentados nos estudos de Smith e Padula (1996), foram preparadas para assumirem cargos de secretarias, agricultoras, entre outras.

Las mujeres y sus cuerpos encarnan esa pérdida de valores, individuales para los partidarios de la revolución y colectivos para sus detractores. En aspectos relacionados con el control de las mujeres, los extremos parecen aproximarse peligrosamente, situando la sexualidad y los cuerpos de las mujeres cubanas en el centro del debate, generando un saber-poder, en términos foucaultianos, sobre ellas (CAMPOS, 2010, p. 319).



Com a queda do Bloco Soviético nos anos 1990, instaura-se em Cuba a maior crise econômica na história do país, que ficou conhecida como Período Especial. Diante de tal conjuntura a população (leia-se famílias pobres) teve que colocar em prática as mais diferentes estratégias para garantir sua sobrevivência. Cabe ressaltar que como em toda crise socioeconômica, os efeitos variam de acordo com a categoria gênero, e em Cuba não ocorreu diferente.

En Cuba el Periodo Especial no sólo sobrecargó a las mujeres sino que, paradójicamente, también contribuyó a visibilizar su trabajo en la reproducción de la vida diaria, al tiempo que se incorporaban a actividades económicas informales. En ese proceso de supervivencia, emprendido por mujeres y hombres, las mujeres no sólo emplean sus saberes “naturales”, sino que lo hacen en el espacio que les ha sido tradicionalmente asignado: la casa, cuestionando otra de las dicotomías en las que se basa la socialización de género: público/privado [...] (CAMPOS, 2010, p. 314).

O espaço público ao qual a autora menciona, refere-se a rua (*calle*). As mulheres cubanas passaram ocupar a rua para desenvolver atividades produtivas, dentre as quais, a prostituição, que “ressurgiu” na Cuba revolucionária sob outro termo/expressão *jineterismo*.

[...] la presencia del estigma de la prostituta que, en definitiva, se dirige hacia una mujer que se halla en un lugar que no es el suyo, “la calle”. Estar de una determinada forma, con unos marcadores corporales específicos, que desafían la uniformidad imperante, a unas determinadas horas, en la noche, y en unos determinados lugares, espacios reservados para los turistas y quienes el Estado designa por su labor revolucionaria, desafía la distribución espacial revolucionaria y patriarcal [...] (CAMPOS, 2010, p. 323).

O *jineterismo* espacializou-se concomitantemente com a abertura da economia cubana para o mercado internacional, sobretudo, o setor turístico, em qual o Governo passou a investir em infraestruturas diversas para captação de recursos (dólares) (CAMPOS, 2010). Hotéis foram reformados, lojas restritas para consumo de turistas

foram abertas, além da refuncionalização executada no centro histórico de Havana (Habana Vieja).

Ademais, não somente o *jineterismo* foi feminizado pelo discurso patriarcal e misógino como também racializado. Com efeito, as mulheres *jineteras* seriam aquelas de pele negra.

En Cuba hay un mito según el cual la mayoría de las jineteras son negras o mulatas. Ello determina, por un lado, que ver a mujeres negras o mulatas en compañía de extranjeros sea interpretado de forma diferente que si son blancas las que van acompañadas de turistas (CAMPOS, 2010, p. 320).

Outro discurso que se assentou no imaginário social, foi o de que há dois tipos de turismo: o turismo sexual que refere-se a prática em que uma mulher cubana se envolve com um homem estrangeiro, e o turismo de romance em que uma mulher estrangeira se envolve com um homem cubano (CAMPOS, 2010).

Campos (2010) considera que o *jineterismo* se apresenta como um fenômeno contestador da suposta eficácia do Governo Revolucionário em promover um Estado de bem comum e humanitário, haja vista que o mesmo não consegue assistir a população em suas demandas mais básicas como emprego, renda e alimentação.

O mesmo Governo que se posicionou contrário aos ideais capitalistas, quando do Período Especial instaurado nos 1990 modifica seu discurso e suas ações, e como resultado, divide o país em dois, quais sejam, uma Cuba para os turistas e uma Cuba para a população, encerrando, portanto, num *apartheid* turístico (CAMPOS, 2010).

Por fim, quando aquelas mais vulneráveis se vêem diante de tal segregação social, e utilizam de seus corpos, único “capital” que de fato pertencem, para melhorar suas condições, o fazem não para se mostrar anti revolucionárias, mas sim, por ser uma alternativa viável que garante o suprimento de suas necessidades.

O *jineterismo* não só foi tema nas ciências sociais, como também inspirou trabalhos artísticos, em destaque, a música do cantor e compositor Willy Chirino

intitulada “La Jinetera”<sup>2</sup>, lançada em 1995, durante a conjuntura do Período Especial já discutido. A seguir, alguns versos.

*“Cuando la tarde se pone en el malecón,  
Eva se está preparando para la acción,  
Acechando a los turistas que hay en La Habana,  
Por unos dolares, les vende su manzana”*

Nesta estrofe, é possível fazer a seguinte interpretação: o termo “Eva” utilizado como nome da mulher jinetera, faz referência ao pecado original da cosmovisão cristã em que fora Eva a culpada pela condenação da humanidade e sua expulsão do paraíso, após ter sido manipulada pela serpente. O termo “manzana” faz referência ao fruto proibido que Eva comeu, segundo a mitologia cristã, e na música, a manzana corresponde a genitália feminina. Tal discurso de culpabilização feminina é também enunciado pelo Governo Revolucionário Cubano, quando da emergência do jineterismo, uma prática essencialmente feminina que colocou em risco o projeto de nação do “novo homem revolucionário”.

*“Tiene un cuartito pequeño por Lujanor,  
Donde esta noche se lleva lo que ganó,  
Así alimenta a su hijita de 7 meses,  
Las apariencias nunca son lo que parecen”*

Na estrofe em destaque, os versos se aproximam do argumento de Campos (2010), quando é evidenciado que o jineterismo, ao contrário do estigma cultivado no imaginário social cubano, é uma alternativa de trabalho praticada por mulheres mães solo, mulheres pobres e periféricas que foram submetidas às condições insalubres diante da negligência do Estado para com as demandas dos extratos mais vulneráveis frente à crise socioeconômica instaurada.

### **Experiências *in loco***

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://youtu.be/vzv3c1bA-C8>>. Acesso em: 11 dez. 2022.

Durante as minhas andanças nas *calles* de Havana Vieja, o centro histórico da capital cubana, para o desenvolvimento de minha pesquisa de Iniciação Científica Internacional<sup>3</sup>, tive a oportunidade de presenciar situações que me permitiram elaborar alguns registros etnográficos no meu diário de campo, e que se aproximam do fenômeno descrito. Em dois momentos, a técnica metodológica que prevaleceu foi a observação não-participante, e num outro momento utilizei da observação-participante.

#### **Diário de campo: 22 de novembro de 2022**

“[...] Segui com o trabalho de campo na calle San Ignacio, e fui surpreendido duas vezes. A primeira quando um turista aparentemente europeu (haja vista seus traços fenotípicos) passou por mim acompanhado de uma mulher cubana negra. Seria ela uma jinetera ou sua namorada? O questionamento foi imediato. Decidi segui-los, até o momento que entraram em um restaurante e não consegui mais observá-los”.

“[...] A segunda situação que me ocorreu foi que eu fui abordado por uma mulher cubana negra em frente ao Restaurante Vitrola na calle San Ignacio. A abordagem foi feita após ela ter percebido meu idioma estrangeiro. Me perguntou de onde eu era e o que estava fazendo em Havana. Lhe contei que eu era brasileiro e estava realizando um intercâmbio na Universidad de La Habana. Ao ouvir isso, percebi que ela ficou constrangida e imediatamente se afastou, e passou a observar outros transeuntes. Uma jinetera que estava prestes a oferecer seu serviço para mim. Também me senti constrangido. Fiquei me perguntando se eu tivesse omitido a minha condição de universitário, talvez ela tivesse continuado a conversa”.

#### **Diário de campo: 26 de novembro de 2022**

“Ontem a noite, eu e o Juan saímos para jantar em Habana Vieja. [...] fomos ao Bar e Restaurante Pedros que está localizado na Boulevard San Rafael. [...] Pedimos

---

<sup>3</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da UEMS através do Programa Institucional de Apoio Financeiro à Mobilidade Nacional e Internacional (PIAFmob - UEMS).

dois pescados e dois sucos naturais. Em seguida, o Juan falou para mim: “Olha ali, um turista viejo que está acompanhado de uma muchacha jinetera”. Ao olhar em direção a mesa, me deparei com um senhor branco com traços fenotípicos europeus, acompanhado por uma jovem cubana negra. Percebi que ambos conversavam sem se olharem diretamente no olho. Constantemente, a jovem estava sempre manuseando celular. [...] Enquanto comíamos nosso jantar, percebi que outra mulher se aproximou da mesa. Uma mulher branca e aparentemente cubana. Passou a conversar com a outra jovem, chegando a tirar algumas fotos do “casal”. Em seguida, a jovem cubana falou algo no ouvido do senhor, e ele respondeu afirmativamente com a cabeça, sem muito contato visual. A jovem cubana e a mulher branca, foram em direção ao bar do restaurante e pediram uma cerveja para cada uma. Em seguida, elas cumprimentaram o senhor, e saíram do restaurante. Cogitei esperar elas retornarem, contudo, o restaurante estava enchendo, e tinha pessoas esperando na fila para entrar. Pagamos a conta, e saímos. Na frente do restaurante, percebi que a jovem estava sozinha fumando um cigarro”.

Reconheço, que estes três relatos apresentam certas limitações, uma vez que a técnica de observação não participante prevaleceu, e o contato direto com as sujeitas pesquisadas foi mínimo. Todavia, os mesmos apresentam elementos que nos levam a refletir sobre as práticas e/ou comportamentos, na interação interracial entre estrangeiros e nativos.

### **Geografias prostitutas no Brasil**

A prostituição no Brasil tem sido objeto de estudo em várias áreas científicas, dentre as quais se encontra a Geografia, sobretudo, os estudos geográficos vinculados com as epistemologias feministas e as teorias queer. Dito isso, me atenho aos estudos realizados no interior de tal ciência, no intento de identificar algumas semelhanças com o que se passa em Cuba.

Para uma aproximação com os estudos queer-geográficos que se debruçaram sobre o fenômeno da prostituição. Apresentamos a seguir um levantamento de

dissertações e teses realizado no *site*<sup>4</sup> da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Na busca, foram destacadas as palavras-chave 'geografia' e 'prostituição'. Foram coletados os trabalhos arquivados num período de 2016 a 2021. Os trabalhos foram organizados num quadro (quadro 1) com as seguintes informações: título, autoria, instituição, palavras-chave, natureza (tese ou dissertação) e ano.

**Quadro 1** - Levantamento de produções geográficas brasileiras sobre prostituição

Título	Autoria/Instituição	Palavras-chave	Natureza/Ano
Poder e Sexo: uma análise dos territórios de prostituição no centro de Campina Grande - PB	DINIZ, Ana Cláudia Araújo/ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	Poder e Sexo; Pluralismo Territorial e Tecido Humano; Prostituição; Segregação Socioespacial	Dissertação (2016)
As territorialidades da prostituição às margens da rodovia BR-153 em Araguaína-TO	PALMEIRA, Marlucy Souza Albuquerque/Universidade Federal do Tocantins (UFT)	BR-153; Territórios; Prostituição; Sujeitos Sociais	Dissertação (2016)
Processo de construção dos atores, padrões de sexualidades homossexuais e os Tlovers na cidade do Rio de Janeiro, no início do século XXI	PIMENTEL, Ivan Ignacio/Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	Ciberespaço; Identidade; Masculinidade; Prostituição; Território; Travestis	Tese (2016)
Nem santas nem putas, apenas mulheres: espacialidades de mulheres prostitutas de baixa renda no exercício de maternagens em Ponta Grossa – PR	PRZYBYSZ, Juliana/Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)	Espaço relacional; Interseccionalidades; Maternagens; Prostituição	Tese (2017)
Por dentro da	TANGERINA, Rafael	Prostituição; Espaço	Dissertação (2017)

<sup>4</sup>Disponível em:

<<https://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=geografia+prostitui%C3%A7%C3%A3o+&type=AllFields>>. Acesso em: 11 dez. 2022.

“batalha”: espacialidades e relações socioterritoriais da prostituição de rua no centro de Curitiba (PR)	da Silva/Universidade Federal do Paraná (UFPR)	Urbano; Território; Curitiba	
Territorialidades da prostituição feminina no entorno da Av. Farrapos em Porto Alegre	NEVES, Rita Stamer/Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Prostituição; Território; Mulheres Trans; Mulheres Cis	Dissertação (2020)

Fonte: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)  
Elaborado: aut@r (2022).

Ainda que meu objetivo não seja a análise aprofundada de tais trabalhos (o que não significa que descarto a possibilidade em trabalhos futuros), uma primeira aproximação se faz necessária, uma vez que nota-se que nos últimos cinco anos, apenas seis trabalhos (duas teses e quatro dissertações) geográficos foram produzidos sobre o fenômeno da prostituição. A quantidade aponta revela o fato de que ainda persiste uma produção geográfica hegemônica nos programas de pós-graduação existentes nas universidades brasileiras. Nesse sentido, Gleys Ramos (2021), contribui ao dizer que:

Não é difícil perceber essa nuance na Geografia. Basta acompanhar o debate que vem sendo empreendido por autoras feministas que apontam nessa ciência, espaços de exclusivas evidências masculinas, assim como os espaços negligenciados, ou de exclusão de mulheres [e pessoas LGBT+], que foram, inclusive, um dos aspectos responsáveis pela tardia abordagem geográfica de gênero [e sexualidades] (RAMOS, 2021, p. 332).

Em termos de artigos, destacam-se os de Marcio Ornat (2008; 2012), Joseli Silva e Marcio Ornat (2014; 2016), Juliana Przybysz (2017) e Juliana Przybysz e Joseli Silva (2019). Discutirei alguns.

No artigo “Território descontínuo paradoxal, movimento LGBT, prostituição e cafetinagem no sul do Brasil”, a geógrafa Joseli Silva e o geógrafo Marcio Ornat (2014), apresentaram uma discussão sobre as corporeidades das travestis em algumas

idades da região sul do Brasil, utilizando como metodologia a etnografia e entrevistas semiestruturadas com as participantes.

Sobre os conteúdos da prostituição travesti; Ornat e Silva (2014) argumentaram que:

Há algumas especificidades na prostituição travesti que se diferem da prostituição feminina, por exemplo. As travestis são seres que contradizem o padrão linear entre sexo, gênero e desejo e aqueles que procuram seus serviços, na sua grande maioria homens, costumam guardar mais sigilo do que se mantivessem relações com prostitutas mulheres. Isso porque manter relações sexuais com uma pessoa que, apesar da aparência feminina, possui um pênis, pode macular a imagem viril de masculinidade do cliente. O fato do grupo apresentar a especificidade de ser dissonante do padrão heteronormativo, há uma trajetória de exclusão e discriminação ao longo de suas vidas, desde a mais tenra infância até a fase adulta (ORNAT; SILVA, 2014, p. 116).

São trajetórias marcadas por violências simbólicas e/ou físicas (transfobia, transfeminicídio) que conferem ao Brasil o primeiro lugar no *ranking*<sup>5</sup> mundial de violência contra transexuais e travestis.

Ornat e Silva (2014), também enfatizaram que diferentemente dos corpos cisgêneros, as travestis experienciam cotidianamente, espaços paradoxais:

[...] As travestis constroem suas vidas esquivando-se da legalidade que não as comporta. A informalidade é traço marcante na constituição de seus territórios de prostituição. Isso porque enquanto desprezadas socialmente e desejadas sexualmente elas estabelecem suas táticas de sobrevivência por meio de várias ações informais em que os códigos morais próprios do grupo e a personalidade são elementos fundamentais para conquista de posições hierárquicas e também de conquistas espaciais de maior amplitude (ORNAT; SILVA, 2014, p. 117).

Em outro trabalho posterior intitulado “Corporeidade: sexualidades no mercado sexual transnacional sob o olhar eurocêntrico”, Silva e Ornat (2016),

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continuando-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>>. Acesso em: 24 nov. 2022.



discutiram a respeito das mulheres brasileiras prostitutas que moram e trabalham na Espanha. A problemática central se localiza na percepção das mulheres espanholas e dos clientes para com as corporeidades das prostitutas brasileiras e na autopercepção das prostitutas brasileiras para com suas corporeidades diante do contexto hispânico.

Silva e Ornat (2016), utilizaram-se também da etnografia e entrevistas semi-estruturadas no respectivo trabalho. Diante da coleta das entrevistas com as mulheres espanholas e dos clientes, foi observado que:

A hipersexualidade, por exemplo, é um atributo negativo do ponto de vista das mulheres espanholas e positivo do ponto de vista dos homens, mesmo que ambos os grupos componham uma representação hegemônica e eurocentrada. A submissão, associada à docilidade aparece como um atributo de mulheres “atrasadas e tradicionais”, no discurso das mulheres espanholas, enquanto os mesmos atributos, do ponto de vista dos homens, é extremamente positivo [...] (SILVA; ORNAT, 2016, p. 75).

Assim como ocorreu com as mulheres cubanas (CAMPOS, 2010), Silva e Ornat (2016) constataram que as mulheres brasileiras são submetidas ao discurso da tropicalidade e exotividade que retifica a corporeidade daquelas.

Dos resultados obtidos após aplicação das entrevistas com as prostitutas brasileiras, a geógrafa e o geógrafo verificaram que:

As mulheres brasileiras tropicalizadas compreendem as estruturas de poder e conseguem jogar com os atributos que marcam sua representação na sociedade espanhola, bem como identificam os espaços que lhe confere maior ou menor vantagem para acionar sua brasilidade, como é o caso dos espaços de prostituição. Mas além disso, relatam utilizar de suas representações como mulheres sensuais, quentes e fáceis para tirar vantagens em situações de interação com homens em outros locais da cidade, além dos clubes (SILVA; ORNAT, 2016, p. 78).

Mais uma vez, observamos outra semelhança com o que se passa em Cuba, quando as jineteras utilizam de seus corpos racializados para obter recursos, bens e/ou oportunidades de imigrar para outro país (CAMPOS, 2010).

O artigo intitulado “Pesquisar para transgredir: fazendo geografias feministas corporificadas” elaborados por Juliana Przybysz e Joseli Silva (2019), apresentou um debate epistemológico sobre os paradigmas e/ou limitações na ciência geográfica, em seguida, as autoras destacaram alguns resultados obtidos na dissertação de Juliana Przybysz, que teve como objeto de pesquisa as corporeidades das mulheres mães e prostitutas em Ponta Grossa/PR. Dito isso, no que tange os desafios entre maternagem e trabalho sexual, as autoras destacaram que:

[...] as mulheres que colaboravam com a pesquisa argumentavam que suas práticas de comércio sexual, local escolhido, roupas, horários estavam conectados com a prática da maternagem. As prostitutas que utilizavam a rua como local de exercício da venda dos serviços sexuais, por exemplo, tomavam cuidado com as roupas, os horários de entrada e saída das escolas e com a possibilidade de encontrar os filhos ou seus coleguinhas, evitando situações que pudessem constranger seus filhos. Outras argumentavam que havia uma interdependência entre a maternagem e o exercício da prostituição, pois sem ela não teriam conseguido a quantidade de recursos econômicos capazes de suportar a família em que elas, na sua grande maioria eram as responsáveis [...] (PRZYBYSZ; SILVA, 2019, p. 55).

Outro elemento enfatizado no texto é a contestação encaminhada pelas mulheres prostitutas no que tange os usos e/ou apropriações do espaço público e privado. Desse modo, assim como verificado em Ornat e Silva (2014), às mulheres mães e prostitutas também experienciam espaços paradoxais, uma vez que suas corporeidades são constantemente negociadas e/ou refeitas mediante as situações vivenciadas.

Se o espaço público está representado pela razão, visto como próprio do masculino, o espaço privado, destituído da razão é feminino. As mulheres prostitutas são classificadas como um grupo que desafia a feminilidade restrita do privado, elas disputam o espaço público, bem como desafiam a ordem hegemônica estabelecida para o controle da ordem heteropatriarcal em que o corpo feminino deve ser objeto oferecido gratuitamente para o prazer masculino. Elas cobram por aquilo que a sociedade determinou que deve ser oferecido

gratuitamente e é por esta razão que as prostitutas são localizadas na arena pública e não privada e além disso, é o grupo de mulheres que sofre com o maior estigma social (PRZYBYSZ; SILVA, 2019, p. 56).

O argumento acima é semelhante ao que Campos (2010) observou em Cuba, em que *jinetas* contestam o uso do espaço público garantidos aos homens (*varones*), e que por isso, são estigmatizadas como antirrevolucionárias. Ademais, muitas das *jinetas* possuem responsabilidade com filhos e conjugues, sendo esse mais um dos motivos que as levam optar pelo trabalho da prostituição, ou tornam-se amantes de homens com melhores condições financeiras.

### **Considerações finais**

Diante do exposto, podemos considerar que as categorias raça e gênero articulado ao trabalho sexual, não só aproximam contextos latinos como Cuba e Brasil, como apontam para uma herança que ainda persiste nos dias atuais: a colonização do ser, saber e dos corpos subjugados do sul global.

Atentar-se, portanto, para as demandas das subjetividades e/ou corporeidades femininas periféricas, estigmatizadas e racializadas, são atentar-se para um espaço que é produzido sob a ordem patriarcal, a heteronormia e cisgeneridade, que concede o acesso, uso e/ou apropriação somente para aqueles/as que se enquadram e/ou conformam com tal modelo que rege o sistema-mundo.

Sendo assim, é importante salutar que ao estudar fenômenos e sujeitos estigmatizados pelo imaginário social, este qual, está assentado numa cosmo visão de mundo heterossexista, cisgênero, misógeno e racista, estamos colocando em prática uns saberes e fazeres subversivos, desconcertantes, que por vezes, incomodam e desestabilizam as bases do cânone científico. Tal atitude, portanto, fomenta um devir contra-hegemônico.

Sugiro, portanto, um primeiro passo para tal movimento: reconhecer e contestar. Afinal, no espaço, tempo e cultura vigentes, qual lugar ocupamos?

### **Referências**

ALVES, N. C.; PEDROSO, M. F.; GUIMARÃES, R. B. Corpos que falam: interpretações geográficas entre saúde, gênero e espaço. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 3, n. 41, p. 09–24, Presidente Prudente: 2019.

ANDRÊO, C.; PERES, W. S.; TOKUDA, A. M. P.; SOUZA, L. L. Homofobia na construção das masculinidades hegemônicas: queerizando as hierarquias entre gêneros. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 16, n. 1, p. 46-67, Rio de Janeiro: 2016.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329–376, Campinas: 2006.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. [Tradução de Renato Aguiar] Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, A. A. “Jineterismo”: turismo sexual o uso tático del sexo?. **Revista de Antropología Social**, n. 19, p. 307-336, Madrid: 2010.

COSTA, B. P. Espaço social, cultura e território: o processo de microterritorialização homoerótica. **Espaço e Cultura**, n. 27, p. 25-36, Rio de Janeiro: 2010a.

COSTA, B. P. Geografias das representações sobre o homoerotismo. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 1, p. 21-38, Ponta Grossa: 2010b.

COSTA, B. P. As microterritorialidades nas cidades: reflexões sobre as convivências homoafetivas e/ou homoeróticas. **Terr@ Plural**, v. 6, n. 2, p. 257–272, Ponta Grossa: 2012.

COSTA, B. P. As geografias das constituições dos devires expressivos das pessoas como diferenças: perspectivas da análise nas pesquisas em microterritorialidades. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 2, n. 42, p. 90–114, Presidente Prudente: 2020a.

COSTA, B. P. DA. Perspectivas relacionais em geografias culturais e em estudos sobre as microterritorialidades das homossexualidades. **Geograficidade**, v. 10, n. Especial, p. 21-37, Niterói: 2020b.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, n.171, Florianópolis: 2002.

MISKOLCI, R. Estranhando as Ciências Sociais: notas introdutórias sobre a Teoria Queer. **Revista Florestan**, v. 1, n.1, p. 8-25, São Carlos: 2014.

MARTINEZ, C. A. F. Espaços distorcidos: feminismos, teorias queer e geografias. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 40, p. 52–67, Presidente Prudente: 2018.

ORNAT, M. J. Sobre Espaço e Gênero, Sexualidade e Geografia Feminista. **Terr@ Plural**, v. 2, n. 2, p. 309–322, Ponta Grossa: 2008.

ORNAT, M. J. Do território instituído ao território instituinte do ser travesti: algumas reflexões teóricas e metodológicas. **Espaço e Cultura**, n. 27, p. 75-88, Rio de Janeiro: 2010.

ORNAT, M. J. Espaços interditos e a constituição das identidades travestis através da prostituição no Sul do Brasil. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 3, n. 1, p. 54-73, Ponta Grossa: 2012.

ORNAT, M. J.; SILVA, J. M. Território Descontínuo Paradoxal, Movimento LGBT, Prostituição e Cafetinagem no Sul do Brasil. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 18, n. 1, p. 113-128, São Paulo: 2014.

PELÚCIO, L. Breve história afetiva de uma teoria deslocada. **Revista Florestan**, v. 1, n. 2, p. 26-45, São Carlos: 2014.

PRZYBYSZ, J.; SILVA, J. M. Espacialidades e interseccionalidades na vivência de mulheres prostitutas mães na cidade de Ponta Grossa-PR. **Geosp – Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 570-585, São Paulo: 2017..

RAMOS, G. I. O lugar político das mulheres: Feminismo, possibilidades e contribuições da geografia. **Revista da ANPEGE**, v. 17, n. 32, p. 325–350, Dourados: 2021.

RUI, S. L. Gênero, empoderamento e território: construindo relações e estabelecendo perspectivas teóricas. **Geografia em Atos (Online)**, v. 1, n. 16, p. 45–60, Presidente Prudente: 2020.

SILVA, J. M. Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: SILVA, J. M. **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Toda palavra, 2009, p. 25-53.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J. Corporeidade, sexualidades no mercado sexual transnacional sob o olhar eurocêntrico. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 20, n. 1, p. 69-82, São Paulo: 2016.

SIMON, C. R. Feminicídio epistemológico: práticas misóginas na geografia. **Terra Livre**, v. 2, n. 57, p. 166–189, São Paulo: 2022.

SOUZA, L. F.; P. RATTS, A. J. Raça e gênero sob uma perspectiva geográfica: espaço e representação. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 28, n. 1, p. 143–156, Goiânia: 2008.

SPITALERE, A. C. R. **Geografia e gênero: considerações sobre a produção acadêmica brasileira**. Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Estadual Paulista/Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2014, 75f.

VALIM DE MELO, G. C. Discursos sobre raça: quando as Teorias Queer nos ajudam a interrogar a norma. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 21, n. 2, p. 410–434, Brasília: 2021.

---

### **Agradecimentos**

Ao Programa Institucional de Apoio Financeiro à Mobilidade Nacional e Internacional (PIAFmob - UEMS)

---